

Como apre(e)nder o que é memória com os lugares?

Ferramentas performativas de escuta aos mais-que-humanos

Palavras-chave: práticas artísticas, Modo Operativo And, Antropoceno

Lucas Lima Rios Feres; Universidade Federal da Bahia; Salvador,
Bahia, Brasil; lucasriosferes@gmail.com

Lucas Brito Lago; Universidade Federal da Bahia; Salvador,
Bahia, Brasil; lucas.brlogo@gmail.com

1. Como apre(e)nder o que é memória com os lugares?

Como podemos apre(e)nder o que é memória com os os lugares? Este artigo parte dessa questão, examinando dois experimentos desenvolvidos durante uma residência artística que realizamos em 2022, em Barril de Alva e Lisboa, Portugal, apresentando e refletindo sobre algumas ferramentas desenvolvidas nesse contexto. Ferramentas são compreendidas aqui como dispositivos artísticos para investigar e se implicar nas dinâmicas relacionais que constituem a paisagem. Longe de oferecerem respostas definitivas, tais ferramentas abrem campos de atenção, de escuta e de co-presença, operando como práticas sensíveis capazes de traduzir (ou transduzir), provocar e tensionar determinadas formas de apreensão e posturas antropocêntricas.

A pesquisa artística aqui enfocada investiga a performatividade do termo memória por meio de dispositivos que se relacionam com uma dimensão espacial, específica e situada. Partimos do envolvimento com as ferramentas metodológicas, conceituais e performativas do Modo Operativo AND (MO_And) para desenvolver um processo de investigação sobre formas de agir atentas e comprometidas com as múltiplas agências que compõem os lugares. Foi justamente o interesse pela indiscernibilidade entre conceber e agir propostas pelo MO_AND que nos levou a realizar uma residência artística junto à plataforma AND_Lab, possibilitando uma prática metodológica que instaura modos de estar-com que são, ao mesmo tempo, pensamento e prática. As

ferramentas conceituais basilares do Modo Operativo And de “parar”, “re-parar” (parar novamente) e “reparar” (notar) (Eugenio, 2019) possibilitam pensar modos de estar e agir implicados nos acontecimento, estabelecendo uma “posição-com” (Eugenio, 2019) — uma posição conjunta às relações imanentes presentes nos lugares.

Buscamos neste artigo realizar um exercício duplo: propositivo e especulativo. A partir dos experimentos artísticos realizados, propõe-se tanto identificar, nomear e transcrever procedimentos e práticas de abordagem aos lugares, como especular sobre possíveis definições de memória através das materialidades, imagens e histórias específicas da paisagem. O objetivo, portanto, é delinear ferramentas performativas e conceituais que nos auxiliem na reflexão sobre outras maneiras de relação entre as formas de existências humanas e mais-que-humanas. A questão sobre “como apre(e)nder o que é memória com os lugares?” possibilita abrir um campo de experimentação para desenvolver maneiras de se relacionar com as perspectivas de memória que cada lugar porta. Ao buscar uma forma de relação em que as agências — as capacidades de ação — estão radicalmente distribuídas, a pesquisa encontra ecos profícuos na crítica ao antropocentrismo e na necessidade de se livrar da cegueira imposta pelo excepcionalismo humano (Tsing, 2018) - essa ideia de que apenas os seres humanos produzem linguagem, cultura e tem intenções e consciência de si mesmo.

2. Perguntar para os lugares o que é memória

Através de experimentações práticas e conceituais, desenvolvemos um conjunto de formulações sobre modos de estabelecer relações com os lugares. Essas formulações podem ser compreendidas como um arcabouço metodológico singularizado de abordagem aos lugares. Assim, delinearemos um protocolo em que o primeiro movimento é colocar aos lugares a pergunta-circunscrição ‘o que é memória?’. Ao fazer essa pergunta, a resposta não é verbal, mas manifestada por indícios, relações, durações e intensidades que se codificam em suportes diversos — fragmentos fractais, fotografias, vídeos, enunciados e outras formas materiais e imateriais. A esses elementos que emergem da colocação dessa questão aos lugares, chamamos de imagens-situação — elementos ou situações que indicam relações específicas, oferecendo uma perspectiva que não está

necessariamente no que elas representam explicitamente, mas nas configurações que elas carregam. Para o estabelecimento dos modos de apre(e)nder com os lugares, reconhecemos mais três movimentos: aquilo que nos prende (atenção, afeto), aquilo que se apre(e)nde (compreensão situada e parcial) e aquilo que se desprende (formulação e partilha). As possibilidades de apreensão se dão justamente a partir das imagens-situação, ou seja, aquilo que nos prende a atenção enquanto exercitamos carregar a pergunta conosco, investigando formas de colocá-la. Esse entendimento nos levou a explorar os movimentos de prender, apre(e)nder e desprender como constituintes das formas de aprendizagem com os lugares.

3. Regeneração e Transdução

O protocolo de abordagem aos lugares para apre(e)nder o que é memória foi desenvolvido a partir de experimentos situados. Ao nos atentarmos para as dinâmicas relacionais presentes no entorno do nosso ateliê em Barril de Alva, a primeira imagem-situação que nos prendeu estava a pouco mais de 50 metros do nosso ateliê: o tronco carbonizado de uma oliveira, com novos brotos verdes em suas extremidades. Desde nossa chegada, ouvimos sobre os incêndios florestais que em 2017 haviam atingido a região, ameaçando até o espaço que nos acolheu. Entre os vestígios, a oliveira carbonizada que, ao brotar novos ramos verdes, atua como testemunha material do fogo.



Imagem 1 - A poucos metros do nosso espaço de trabalho, novos ramos verdes brotavam do tronco carbonizado de uma oliveira.

Fonte: acervo dos autores.

Paralelo a essa situação, a imagem das montanhas cobertas com pequenos arbustos amarelos vista da janela passou de um elemento cotidiano da paisagem a uma imagem-situação capaz de nos prender a atenção quando escutamos um comentário de que outrora as montanhas já haviam sido brancas, tendo mudado de cor após o incêndio. O que a imagem-situação da oliveira nos colocava era a história de toda aquela paisagem e as múltiplas transformações perceptíveis e imperceptíveis que esta sofreu. Assim, ao justapor a essas situações a questão “o que é memória?”, a regeneração emerge como forma-força, aprendizado e apreensão com aquela paisagem.



Imagem 2 - As serras em torno do espaço Trust se encontravam repletas de giestas amarelas, após o começo da primavera.

Fonte: acervo dos autores.

Em uma etapa posterior da pesquisa, ao chegarmos em Lisboa, a janela do apartamento onde nos hospedamos já acendeu um alerta e nos lançou diante de outra imagem-situação intrigante: uma formação rochosa que contrastava com o entorno urbano do bairro da Ajuda, conhecida como Geomonumento do Rio Seco. O desafio logo foi o de colocar a questão ‘o que é memória?’ a essa imensa rocha urbana. Duas estratégias emergiram após uma pista advinda de uma conversa fortuita que indicou a relação entre a formação do bairro e o terremoto que atingiu a cidade de Lisboa em 1755. A rocha era a ponta de uma estrutura rochosa estável que aparentava não se abalar com novos terremotos, local seguro para se começar a reconstruir a cidade.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

Para explorar essa relação, que fez posição-com a nossa questão, concebemos duas estratégias experimentais: a instalação de microfones binaurais para captar sons (quase imperceptíveis) emanados da pedra e a construção de um proto-sismógrafo manual para registrar suas vibrações em papel. A partir dessas experiências, ampliamos a reflexão sobre o papel da transdução – a transformação de uma energia em outra como modo de relação com o indecifrável –, buscando formas de uma comunicação especulativa com entidades mais que humanas. Assim, manter o enigma e cultivar o mistério emergem como máximas essenciais para investigar e honrar a memória que os lugares portam.



Imagem 3 - Vista do Geomonumento do Rio Seco, localizado no Alto da Ajuda, em Lisboa.

Fonte: acervo dos autores.

4. Práticas artística e Antropoceno

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

Se compreendemos a ideia de *paisagens mais que humanas* tal como nos indicou Anna L. Tsing (2019) - como uma assembleia em formação - poderíamos compreender a regeneração e a transdução como perspectivas coordenadas sobre a memória daquela paisagem? Seriam as intrusões de Gaia - o terremoto e os incêndios -, como colocou Isabelle Stengers (2015), uma contingência determinante nas formas que as paisagens compartilham? De que modo podemos desprender as relações desses lugares e transportá-las, reconhecê-las enquanto forma-força em outras configurações situadas?

Ao perguntarmos para os lugares o que é memória, passamos a reconhecer aquilo que os lugares atualizam e tornam presente em suas dinâmicas próprias – apresentando perspectivas sobre memória que se fazem no agora e que, muitas vezes, resistem à captura. Nesse movimento, investigando a performatividade do termo em relação aos lugares, podemos ampliar o entendimento sobre a memória para além da dimensão humana, reconhecendo sua manifestação em práticas de regeneração, em gestos geológicos, em camadas de tempo sedimentadas nos corpos da terra.

No contexto do Antropoceno, essa escuta atenta e expandida torna-se ainda mais urgente. O reconhecimento da agência humana como força geológica, de acordo com a proposta feita por Crutzen e Stoermer (2015), impõe não apenas responsabilidade, mas também a necessidade de desenvolver formas éticas e sensíveis de habitar o planeta. Criar ferramentas relacionais (performativas e conceituais) que considerem as agências mais-que-humanas como constituinte das histórias e políticas dos lugares é uma das possibilidades que nos restam de imaginar e praticar outros mundos possíveis. Através dessas práticas artísticas situadas, podemos ensaiar formas de resposta que não visam o controle, mas a convivência – modos de apreender com os lugares, com Gaia, com aquilo que escapa e nos excede, ou, como aponta Stengers (2015), aprender a conviver com este tipo de transcendência que instaura em nossas vidas “um desconhecido maior (...) que veio para ficar” (p. 53).

REFERÊNCIAS

CRUTZEN, Paul J.; STOERMER, Eugene F. O Antropoceno. *Piseagrama*, seção Extra!, 2015. Disponível em: <https://piseagrama.org/extra/o-antropoceno/>. Acesso em: 10 maio 2025.



**V COLÓQUIO DE
PESQUISA EM
DESIGN E ARTES**
5, 6 e 7 de novembro 2025

EUGENIO, Fernanda. Articulações. In: EUGENIO, Fernanda (Org.). Caixa-livro AND: AND Lab | Arte-Pensamento & Políticas da Convivência. Rio de Janeiro: Fada Inflada, 2019.

STENGERS, Isabelle. No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima. Tradução de Eloisa Araújo. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

TSING, Anna Lowenhaupt. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB; Mil Folhas, 2019.